O subtítulo da antologia dá-o como «profeta e apóstolo». E, de facto, como testemunha o organizador da mesma antologia, ele foi sempre um «homem profético e denunciador de tantas misérias e cantor de tantos valores humanos, e agitador das consciências e despertador de quantos dormem espiritualmente» (Presentación al lector, p. 15), «grande ideador e proclamador da *décima quinta obra de misericórdia*: despertar aquele que dorme» (ibid.), a si mesmo se considerando – em obediência à exortação evangélica «Ide e pregai o Evangelho» – um «pregador leigo».

No conjunto de textos seleccionados, pode o leitor encontrar variados aspectos e facetas da personalidade de Unamuno e do seu pensamento e sua atitude religiosos: a sua humanidade, afectividade e solicitude no interior da própria família; a ultra-sensibilidade do seu coração, que Rodríguez chama de «coração líquido»; a sua imensa necessidade de Deus, não obstante as suas crises, que dele faziam, como aconteceu com Pascoaes e Brandão, um Deus dramático; o seu gosto pela oração e a sua prática da mesma; o seu vasto conhecimento da Sagrada Escritura; as suas denúncias de certas práticas no ensino da religião e no campo devocional; a variedade e enorme riqueza das suas cartas, dele que tinha um certo pendor para a correspondência, sempre com sentimentos de proximidade, bondade, compaixão e humanidade.

No Prólogo, escrito por Juan Martín Velasco, acentua-se particularmente o carácter dramático da vivência e do pensamento religioso de D. Miguel de Unamuno, não fosse dele o livro *La agonía del cristianismo*, um título em que a palavra «agonia» é assumida em seu original significado grego, de luta, combate, drama. Na verdade, muito mais dignos de admiração e muito mais edificantes são

homens como este, que – ao contrário de tantos cristãos rotineiros, ou simplesmente indiferentes a toda a preocupação religiosa, vivem de facto adormecidos, com o natural sentimento religioso mais ou menos narcotizado – fazem da vida uma procura dramática de um Deus sempre mais ou menos desconhecido, porque sempre da ordem do Mistério que, como diria Rudolf Otto, sempre se nos apresenta, a um tempo, como «*fascinans et tremendum*».

JORGE COUTINHO

VIEITAS, Daniela (texto) e RAMOS, Margarida (ilustração), **O lugar**, Edições Frente e Verso (www.frenteverso.pt), Braga, 2014, 52 p., 350, 240, ISBN 978-989-98322-3-7.

Trata-se de um álbum de pintura moderna de Margarida Ramos, com um tema em cada página ou abrangendo duas páginas e um pequeno texto a sugerir o sentido de cada pintura. O conjunto apresenta uma espécie de alegoria dos sete dias da Criação, que, no caso, é, de facto, uma re-criação, com um sentido de fundo claramente ecológico (de ecologia material e espiritual) expresso em termos poéticos.

O «lugar» é o ali onde homem e mulher aparecem e deparam com o Nada. Nesse deserto total, surgem então, sucessivamente, um fio de água, a transformação da terra seca em terra fértil pelo trabalho, a simpatia entre o casal e a natureza, a casa onde irão habitar, o fogo, as flores, as árvores, a fruta, os animais, o alimento, o amor entre o homem e a mulher, etc. Com tudo isso, eles compreenderam o sentido do mundo e da vida. O último texto da narrativa diz textualmente: «Veio a manhã do sétimo dia / e o céu e o sol

encontraram / o Homem e a Mulher de
mãos dadas, / sem saberem ainda / que o
ventre dela trazia já / o amanhã.».

No fundo, este álbum sugere o que

seria este mundo se nele tudo fosse har-
monia e beleza, sem o mal e o pecado que
o desfiguram.

RAUL AMADO